

O Papa Francisco recebeu em 05-11-2016, na sala Paulo VI, os participantes do **III Encontro de Movimentos Populares** do mundo. Antes, Francisco transforma-se num líder revolucionário que, como Jesus que cura no sábado, denuncia o sistema que cria iniquidade e impede viver com dignidade aos filhos de Deus. Um histórico discurso para somar-se ao “**grito dos três T (terra, teto e trabalho)**” e denunciar aos que governam “**com o chicote do medo, da iniquidade e da violência**”.

A audiência e a íntegra do discurso do **Papa Francisco**, pode ser visto no vídeo clicando [aqui](https://www.youtube.com/watch?v=uEmM31EBFA8&feature=youtu.be): [https://www.youtube.com/watch?v=uEmM31EBFA8&feature=youtu.be].



quatro coisas que Francisco diz aos pobres

"Após os dois primeiros encontros - Roma, em 2014 e Santa Cruz (Bolívia), - o III ENCONTRO MUNDIAL DOS MOVIMENTOS POPULARES reuniu-se em Roma, de 3 a 5 do passado mês de Novembro. Participaram do evento cerca de duzentos ativistas dentre os mais pobres da Terra (recolectores e recicladores de lixo, vendedores ambulantes, camponeses sem terra, indígenas, desempregados, moradores de bairros de lata e de habitações precárias, etc.), pertencentes a noventa e dois movimentos populares, procedentes de sessenta e cinco países dos cinco continentes", escreve IGNACIO RAMONET, jornalista, escritor e Diretor do "Le Monde Diplomatique" versão espanhola, em artigo publicado por Público.es, 03-12-2016.

Assim como nos dois encontros anteriores, os temas abordados foram os chamados três "T": "Trabalho, Teto e Terra", aos quais foram agregadas, desta vez, questões relacionadas com a "democracia e o povo", o "cuidado com o meio ambiente e a natureza" e "imigrantes e refugiados".

Os participantes reuniram-se durante os dois primeiros dias no Pontifício Colégio Internacional Maria Mater Ecclesiae, localizado na Via Aurélia Antiga, em Roma, (sede e principal seminário dos "Legionários de Cristo").

Entre os participantes estavam: Juan Grabois, representando a Confederação de Trabalhadores da Economia Popular (CTEP) e do Movimento dos Trabalhadores Excluídos (MTE) da Argentina; João Pedro Stedile, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra do Brasil e da organização internacional Via Campesina; Vandana Shiva, filósofa e ecologista indiana, Prémio Nobel Alternativo em 1993; e José "Pepe" Mujica, ex-presidente do Uruguai.

No dia 5 de novembro, já no Vaticano, depois de uma missa na Basílica de São Pedro, à qual se teve acesso atravessando a Porta Santa da Misericórdia, todos os participantes e mais de três mil ativistas dos movimentos sociais italianos foram recebidos em audiência, no imenso Salão Paulo VI, pelo Papa Francisco.

No seu discurso de síntese, Francisco começou por recordar "os dez pontos de Santa Cruz de la Sierra, onde a palavra mudança surgia repleta de enorme conteúdo, e relacionada com uma série de temas fundamentais: o trabalho digno para os excluídos do mercado de trabalho; a terra para os camponeses e povos indígenas; a habitação para as famílias sem teto; a integração urbana para os bairros populares; a erradicação da discriminação, da violência contra as mulheres e das novas formas de escravidão; o fim de todas as guerras, do crime organizado e da repressão; liberdade de expressão e comunicação democrática; ciência e tecnologia ao serviço dos povos".

E definiu "um projeto de vida que rejeite o consumismo e recupere a solidariedade, o amor entre nós e o respeito pela natureza como valores essenciais. É a felicidade de 'viver bem' o que as pessoas reivindicam, a 'vida boa', e não esse ideal egoísta que, enganosamente, inverte as palavras e nos propõe a 'boa vida'".

O que disse o Papa, realmente, aos pobres? Essencialmente, quatro coisas:

1) Rebelai-vos contra a tirania do dinheiro! "Há um terrorismo de base que emana do controle global do dinheiro sobre a terra, e que ameaça toda a humanidade. Desse terrorismo básico se alimentam os terrorismos derivados, tais como o narco-terrorismo, o terrorismo de Estado que alguns, erradamente, apelidam de "terrorismo étnico" ou "religioso", quando nenhum povo, nem nenhuma religião é terrorista. É verdade que, por todo o lado, existem pequenos grupos fundamentalistas. Mas o terrorismo começa quando

'é rejeitada a maravilha da criação, o homem e a mulher, substituídos pelo dinheiro'. Toda a doutrina social da Igreja se rebela contra a idolatria do dinheiro que, em vez de servir, reina, tiranizando e aterrorizando a humanidade.

Não há tirania que se sustente sem a exploração dos nossos medos. Eis a chave de tudo. É por isso que toda a tirania é terrorista. E quando esse terror, que é semeado pelas periferias com massacres, saques, opressão e injustiça, explora, nos grandes centros com diferentes formas de violência, inclusive com atentados odiosos e covardes, os cidadãos que ainda conservam alguns direitos deixam-se tentar pela falsa segurança dos muros físicos ou sociais. Muros que confinam uns e expulsam outros. Cidadãos amuralhados, aterrorizados, de um lado. Excluídos, exilados, mais aterrorizados ainda, do outro.

Precisamos de ajudar o mundo a curar a sua atrofia moral. Este sistema atrofiado pode fornecer alguns implantes cosméticos que não correspondem a um verdadeiro desenvolvimento: crescimento económico, avanços tecnológicos, maior "eficiência" na produção das coisas postas à venda, e que são usadas e descartadas, englobando todos nós numa dinâmica vertiginosa de consumo e descarte...; ora este mundo não permite o desenvolvimento do ser humano na sua totalidade, o desenvolvimento que não se reduz ao consumo, que não se reduz ao bem-estar de uns poucos, que inclui todos os povos e indivíduos na plenitude de sua dignidade, desfrutando fraternalmente da maravilha da Criação. Esse é o desenvolvimento de que necessitamos: humano, integral, respeitador da criação, desta casa comum".

2) Sede solidários! "Algo está errado neste nosso mundo de hoje: quando um banco declara bancarota, surgem logo escandalosas somas de dinheiro para o salvar mas, se for a humanidade a declarar falência, quase não há uma milésima parte que seja desse dinheiro para salvar esses irmãos que tanto sofrem. Deste modo, vemos o Mediterrâneo convertido num cemitério, e não apenas o Mediterrâneo... tantos cemitérios junto dos muros e de paredes manchadas de sangue inocente. O medo endurece o coração e transforma-se numa crueldade cega que se recusa a ver o sangue, a dor, o rosto do outro.

O que fazer face a esta tragédia dos migrantes, refugiados e exilados? Peço-vos que, em relação àqueles que tanto têm sofrido, exerciteis essa solidariedade tão especial que existe em todos vós. Sabeis recuperar fábricas caídas na bancarota, reciclar o que os outros deitam fora, criar postos de trabalho, cultivar a terra, construir casas, integrar bairros segregados e reivindicar sem descanso, tal qual a viúva do Evangelho, que pede justiça insistentemente. Pode ser que, com o vosso exemplo e insistência, alguns Estados e organizações internacionais acabem por abrir os olhos, e adotar as medidas adequadas a acolher e integrar, plenamente, todos aqueles que, por uma razão ou outra, buscam abrigo longe dos seus lares. E acabem, também, por encarar de frente as causas profundas que levam milhares de homens, mulheres e crianças a ser expulsos, todos os dias, das suas terras natais".

3) Revitalizai a democracia! "A relação entre povo e democracia. Uma relação que deveria ser natural e fluida, mas que corre o perigo de desfigurar-se, até se tornar irreconhecível. A lacuna entre os povos e as nossas atuais formas de democracia, amplia-se cada vez mais, como consequência do enorme poder dos grupos económicos e mediáticos que parecem tudo dominar. Os movimentos populares não são partidos políticos e, em grande parte, é aí que reside a sua riqueza, porque expressam uma forma distinta, dinâmica e vital de participação social na vida pública. Mas não tenhais medo de entrar em

grandes discussões, em Política escrita com maiúscula, e cito Paulo VI: 'A política põe ao nosso dispor um caminho sério e difícil - ainda que não seja o único - para que os cristãos e cristãs possam cumprir o importante dever que têm de servir os outros'. Ou aquela frase que repito tantas vezes: 'A política é uma das formas mais altas de caridade, de amor'".

Vós, as organizações dos excluídos, e tantas outras organizações doutros setores da sociedade, sois convocados a revitalizar, a refundar as democracias que passam por uma verdadeira crise. Não vos deixeis cair na tentação do espartilho, que vos reduz a atores secundários, ou pior, a meros administradores da miséria existente. Nestes tempos de paralisia, desorientação e propostas destrutivas, a participação ativa dos povos que buscam o bem comum pode, com a ajuda de Deus, erguer-se acima dos falsos profetas que exploram o medo e a desesperança, que vendem fórmulas mágicas de ódio e crueldade, ou de um bem-estar egoísta e duma segurança ilusória.

Sabemos que, enquanto não forem resolvidos, radicalmente, os problemas dos pobres, renunciando à autonomia absoluta dos mercados e da especulação financeira, e atacando as causas estruturais da desigualdade, não se resolverão os problemas do mundo e, em última análise, nenhum problema. A desigualdade é a raiz dos males sociais".

4) Sede austeros! Evitai a corrupção! "Assim como a política não é um assunto dos 'políticos', a corrupção não é um vício exclusivo da política. Há corrupção na política, há corrupção nas empresas, há corrupção nos meios de comunicação, há corrupção nas igrejas e também existe corrupção nas organizações sociais e movimentos populares. É justo afirmar que há uma corrupção própria de alguns âmbitos da vida económica, em particular das atividades financeiras, e que está menos em voga do que a corrupção diretamente ligada à esfera política e social. É justo afirmar que, muitas vezes, os casos de corrupção são manipulados por más intenções. Mas também é justo esclarecer que aqueles que optaram por uma vida de serviço, têm uma obrigação adicional, que vem juntar-se à honestidade com que qualquer pessoa deve atuar na vida. A meta é mais elevada: é preciso viver a vocação de servir, com um forte sentido de austeridade e humildade. Isto vale para os políticos, mas também se aplica aos líderes sociais e a nós, os pastores.

A quem tem muito apego às coisas materiais ou ao espelho, a quem ama o dinheiro, os banquetes exuberantes, as mansões sumptuosas, os factos de fino corte, os carros de luxo, devo aconselhar-lhe que tente escutar o que se passa no seu coração, e rezar para que Deus o liberte dessas amarras. Quem sentir afeição por todas estas coisas, por favor, não se meta na política, não se meta em organizações sociais ou em movimentos populares, porque vai fazer muito mal a si próprio e aos outros, além de manchar a nobre causa pela qual levanta uma bandeira. Tampouco se meta no seminário. Face à tentação da corrupção, não há melhor antidoto que a austeridade, essa austeridade moral e pessoal.

A corrupção, a soberba, o exibicionismo dos líderes aumentam a descrença coletiva, a sensação de desamparo, e alimenta o mecanismo do medo que suporta este sistema perverso".

Para concluir, o Papa Francisco citou o falecido líder afro-americano, Martin Luther King, que escolheu o amor fraterno, mesmo no meio das piores perseguições e humilhações: **"Quando alguém se eleva ao nível do amor, da sua grande beleza e poder, a única coisa que tenta derrotar são os sistemas malignos. Ama as pessoas presas nesse sistema, mas procura derrotá-lo. (...) Ódio por ódio apenas intensifica a existência do rancor e do mal no universo. Se eu agredir alguém e ele me bater também, e se eu o**

agredir de novo e ele me tornar a bater e assim sucessivamente, é evidente que esta situação se prolongará indefinidamente. Há de haver um momento em que dos dois contendedores, um irá revelar um pouco mais de senso: essa será a pessoa mais forte. A pessoa forte é aquela que pode quebrar a corrente do ódio, a cadeia do mal".

<http://www.ihu.unisinos.br/563128-quatro-coisas-que-o-papa-francisco-diz-aos-pobres>

Semeadores de mudança: poetas sociais (1) Frei Bento Domingues, O.P.

1. Falar e escrever para calar os outros era uma tradição papal que João XXIII interrompeu. O exemplo não vingou, mas o Papa Francisco tem gosto em acolher, ouvir e partilhar a palavra seja com quem for, seja onde for. Não aceita que a *Doutrina Social da Igreja* continue a ser apenas a voz dos Papas.

No passado dia 5 de Novembro, Bergoglio acolheu, em Roma, o 3º Encontro dos Movimentos Populares. No anterior, realizado na Bolívia, ficou claro que sem transformar as estruturas não é possível vida digna para as populações. A luta continua e entusiasma o argentino: “Vós, movimentos populares, sois semeadores de mudança, promotores de um *processo* para o qual convergem milhões de pequenas e grandes acções interligadas, de modo criativo, como numa poesia. Foi por isso que vos quis chamar *poetas sociais*”.

O ritmo dessa poesia é marcado pelos passos da caminhada rumo a uma alternativa humana face à globalização da indiferença: 1. pôr a economia ao serviço dos povos; 2. construir a paz e a justiça; 3. defender a Mãe Terra.

O discurso do papa é longo e multifacetado^[1]. É uma antologia da vida dos movimentos populares na resistência à tirania. Esta alimenta-se da exploração do medo e do terror. Os cidadãos que ainda conservam alguns direitos são tentados pela falsa segurança dos muros físicos ou sociais. Muros que prendem uns e exilam outros. De um lado, cidadãos murados, apavorados; do outro, os excluídos, exilados, ainda mais aterrorizados. Será esta a vida que Deus, nosso Pai, deseja para os seus filhos?

2. Além de ser um bom negócio para os comerciantes de armas e de morte, o medo destrói as nossas defesas psicológicas e espirituais, anestesia-nos diante do sofrimento do próximo e torna-nos cruéis.

Quando se festeja a morte de um jovem, que talvez tenha errado o caminho, quando se prefere a guerra à paz, quando se propaga a xenofobia, quando propostas intolerantes ganham terreno, sabemos que por detrás de tal crueldade sopra o frio vento do medo.

O Papa não esquece a capacidade mobilizadora da oração: peço-vos que rezeis por todos aqueles que têm medo. O próprio Jesus nos intima: *Não tenhais medo*^[iii]!

Tende misericórdia. A misericórdia é muito melhor do que os remédios, antidepressivos e tranquilizantes. Mais eficaz do que muros, grades, alarmes e armas. E é grátis: uma dádiva de Deus.

Bergoglio acredita que todos os muros, mas todos, vão ruir. «Continuemos a trabalhar para construir pontes entre os povos, pontes que nos permitam derrubar os muros da exclusão e da exploração». Enfrentemos o terror com o amor!

3. O fosso entre os povos e as nossas actuais formas de democracia alarga-se cada vez mais, como consequência do enorme poder dos grupos económicos e mediáticos, que parecem dominá-las.

Sei, diz o Papa, que os movimentos populares não são partidos políticos. Em grande parte, é nisto que se encontra a vossa riqueza. Expressis uma forma diferente, dinâmica e vital de participação social na vida pública. Mas não tendes medo de entrar nos grandes debates, na Política com letra maiúscula, e cito Paulo VI: «A política é uma maneira exigente — não a única — de viver o compromisso cristão ao serviço do próximo». Ou então a frase que repito muitas vezes e já não sei se é de Paulo VI ou de Pio XII: «A política é uma das formas mais altas da caridade, do amor».

Frisa, então, dois riscos na relação entre movimentos populares e política: o de se deixarem encurralar e o de se deixarem corromper.

Não se deixar cercar, porque alguns dizem: a cooperativa, o refeitório, a horta agro-ecológica, as *micro empresas*, o projecto dos planos assistenciais... até aqui tudo bem.

Enquanto vos mantiverdes no âmbito das «políticas sociais», enquanto não puserdes em questão a política económica ou a Política com «P» maiúsculo, sois tolerados. A ideia das políticas sociais concebidas como uma política *para* os pobres, mas nunca *com* os pobres, nunca *dos* pobres e muito menos *inserida* num projecto que reúna os povos, às vezes parece-me um carro de carnaval a esconder o lixo do sistema.

Quando vós, da vossa afeição ao território, da vossa realidade diária, do bairro, do local, da organização do trabalho comunitário, das relações de pessoa a pessoa, ousais pôr em causa as *macro relações*, quando levantais a voz, quando gritais, quando pretendeis indicar ao poder uma organização mais integral, então deixais de ser tolerados. Estais a deslocar-vos para o terreno das grandes decisões que alguns pretendem monopolizar em pequenas castas. Assim a democracia atrofia-se, torna-se um nominalismo, uma formalidade, perde representatividade, vai-se desencantando porque deixa de fora o povo na sua luta diária pela dignidade, na construção do seu destino.

Não estará o Papa a meter-se em seara alheia? Sem qualquer monopólio da verdade, deve pronunciar-se e agir face a «situações nas quais se tocam as chagas e os sofrimentos dramáticos, e nas quais estão envolvidos os valores, a ética, as ciências sociais e a fé».

Continuaremos no próximo Domingo do Advento.

in **Público** 04.12.2016

[i] O meu texto pretende chamar a atenção para o discurso do Papa. Não procura reproduzi-lo. Os recortes e as paráfrases são da minha responsabilidade.

[ii] Mt 14, 27

Semeadores de mudança: poetas sociais (2) Frei Bento Domingues, O.P.

1. A partir dos finais dos anos 60 do século passado, os militantes dos movimentos cristãos eram bombardeados com repetidas afirmações marxistas: *a fé é a alienação da vida humana, a Igreja é o secular instrumento da alienação e os padres são os intelectuais orgânicos desse processo alienador.*

A liturgia e a mística eram consideradas formas de fuga do mundo. Nesta perspectiva, a mística era rejeitada como expoente máximo do medo à realidade material, da fuga das responsabilidades sociais, da alienação na sua forma extrema. Era também recusada por ser uma mística de olhos fechados perante a história, sem ligação com as tarefas humanas^[ii].

Muitas atitudes e práticas religiosas, do passado e do presente, merecem bem esta crítica, mas diante do texto do domingo passado, e que desejo continuar hoje, essa crítica faz-nos sorrir. Não foram poucos os marxistas da época que se emburguesaram. Muitas pessoas da Igreja – e muitas que não se reconhecem em todas as suas expressões -, lideradas pelo Papa Francisco, vêem o mundo a partir dos excluídos e vivem em função da transformação da sociedade, como ficou claro no 3º Encontro com os participantes dos Movimentos Populares.

As organizações dos excluídos - e de tantas outras de diversos sectores da sociedade - estão chamadas a revitalizar e a refundar as democracias que atravessam uma verdadeira crise. Não devem ceder à tentação de se deixarem reduzir a agentes secundários ou, pior, a meros administradores da miséria existente. Nestes tempos de paralisia, desorientação e propostas destruidoras, a participação como protagonistas dos povos que procuram o bem comum pode vencer, com a ajuda de Deus, os falsos profetas que exploram o medo e o desespero, que vendem fórmulas mágicas de ódio e crueldade ou de um bem-estar egoísta e uma segurança ilusória.

Como vimos no Domingo passado, Bergoglio não acredita na fórmula beata: *vai-se fazendo o que se pode e depois se verá.* Para revitalizar a democracia é preciso não fechar os olhos e alimentar ilusões. Enquanto não forem radicalmente solucionados os problemas dos pobres, renunciando à autonomia absoluta dos mercados e da especulação financeira e atacando as causas estruturais da desigualdade social, não se resolverão os problemas do mundo nem problema algum. A desigualdade é a raiz dos males sociais^[iii]. Por isso, o Papa Francisco disse e repetiu: o futuro da humanidade não

está unicamente nas mãos dos grandes dirigentes, das grandes potências e das elites. Está fundamentalmente nas mãos dos povos, na sua capacidade de se organizarem e orientarem este processo de mudança com humildade e convicção^[iii]. Não devem consentir em serem excluídos da Política, com letra grande, e reduzir cada um dos movimentos à sua pequena horta.

2. O velho argentino tocou num segundo risco dos Movimentos: *deixar-se corromper*. Assim como a política não é uma questão de “políticos”, também a corrupção não é um vício exclusivo da política. Há corrupção na política, nas empresas, nos meios de comunicação, nas igrejas e, também, nas organizações sociais e nos movimentos populares. Há corrupção radicada nalguns âmbitos da vida económica, em particular na actividade financeira. É menos noticiada do que a corrupção de âmbito político e social.

Importa, no entanto, realçar o seguinte: aqueles que escolheram uma vida de serviço têm uma obrigação acrescida de honestidade. A medida é muito alta: é preciso ter vocação para servir com um forte sentido de austeridade e humildade. Isto é válido para os políticos, para os dirigentes sociais e para nós pastores.

Disse «austeridade» e gostaria de esclarecer que esta palavra é equívoca. Refiro-me à austeridade moral, no modo de viver, pessoal e familiar. Não estou a falar daquela que é imposta pelas leis e astúcias do mercado...

3. A qualquer pessoa que seja demasiado apegada às coisas materiais e que ama o dinheiro, banquetes exuberantes, casas sumptuosas, roupas de marca, carros de luxo, aconselharia que compreenda o que está a acontecer no seu coração e que reze a Deus para que o liberte destes laços. Mas, parafraseando o ex-presidente latino-americano que está aqui, todo aquele que seja apegado a estas coisas, por favor, que não entre na política, não entre numa organização social ou num movimento popular, porque causaria muitos danos a si mesmo, ao próximo e sujaria a nobre causa que empreendeu. E que também não entre no seminário!

Peço aos dirigentes que não se cansem de praticar esta austeridade moral, pessoal, e peço a todos que exijam dos dirigentes esta austeridade, que — de resto — os fará sentir-se muito felizes.

É no Advento que estou a ler este longo, belo e exigente discurso do Papa. Não é para preparar o nascimento de Jesus. Essa questão está resolvida há mais de dois mil anos. Para o Natal que interessa, a grande narrativa é a conversa noturna de Jesus com Nicodemos: precisas de nascer de novo e não perguntes como, sendo já velho^[iv].

Boa receita!

in **Público** 11.12.2016

[i] Olegario González de Cardedal, *Cristianismo y mística. Teresa de Jesús de la Juan de la Cruz*, Educa, Buenos Aires, 2013, pp.215-216.

[ii] Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, n. 202

[iii] *Discurso no segundo encontro mundial dos movimentos populares*, Santa Cruz de la Sierra, 9 de julho de 2015

[iv] Jo 3, 1-21